Argadini

Poemas Suspensos

Gledson Sousa

I

Recolho sal de mares tardios

A depositar em ampulhetas

Recolho sal das brumas do deserto

A escrever nomes

De flores que nunca se fecham

II

Há muitas vozes no silêncio

De pássaros, trovões, flores

Há muito silêncio

No mar que ruge dentro

Até o sol se erguer de sua placenta

Cantando em falsete

E a luz da noite se guardar envergonhada

Em vozes de pássaros, trovões, flores

Matéria Escura

Bem-vindo ao mar da matéria escura

Onde o tempo ondula

Luz se espalha

Suave plenitude, bendita nau

Que faz da escuridão dança

Do palco escuro a tragédia

Dos viventes

Voar

Eu voo

Tu voas

Eles atiram

III

Vistos do alto

Os homens são de palha

Elefantes atormentados, simulacros

Que nunca cruzarão águas

De perto, não se encontra

Um único homem

Raras flores

Entre tantas esponjas

No coração

Escrita

Tudo é em vão

Se a palavra não flutua

Quando chega ao coração

Miragem

Com a elegância de pássaros na folhagem

Te moves entre seres de papel

Alheia ao tempo

Alheia à violência dos dias

Segues tão forte quanto na primeira aurora

Quando tuas mãos eram de fogo

Teus olhos guardavam as flores da rebentação

Areia turva minha língua

Há incerteza em teus cabelos

Pássaros não sabem sequestrar tua beleza

Com a elegância de um pássaro nas sombras

Te afastas lentamente

Levando minha sede

Em tua ausência

Ondas

Tempo se curva

Em quanto de galo

Ecoa

Na noite escura

No Aquário

Confinados à sede

Entre muros de palha

Vagam poetas

Pelas calçadas

Cercados de animais de sangue frio

Evitam espaços abertos

Palavras vãs

Que possam contaminar a noite de meios-dias

Atravessam a febre do silício

O vale dos mortos

A água que respiram mana

De seus olhos

Argonautas

Estamos em teus braços

Ó plumas, vento leste, madrugada

Aguardando sinais à travessia

Longe é nosso destino

Longa nossa jornada

O que buscamos não está nos livros

Sim no vazio

Que a forma contempla

Nas dobras da espiral

No olho do tornado

Recolhemos

A origem da letra

Estamos em teus sonhos

Brahma, Vishnu, Pomba

Emanações, teias de incerteza cósmica

Noite engendrando começos sem fins

Teu delírio meu satori

Tua flor minha adaga

Navegamos no som

IV

Ouço em teus olhos

O mar que rodeia o som

Os Vampiros

Que homens de azul

Entre os despojos dos mortos

Deuses de metal semeando fome

Quem ceifa o horizonte

Arranca as primícias do sol

Para jogar aos porcos

Conjuremos toda ira

Que recaia em suas cabeças podres

Granizo, tormenta, fogo

Que o mar se encarregue

De limpar toda desonra

Sangue das vítimas que escorre

Na baba dos vampiros

Passagem ao Grande Rio

A terra é bacante

Numa Tebas desenfreada

A esperar nossas cinzas

O sol de cada manhã

Aumenta a vertigem que nos toma

A pele se despede do vermelho

Azul se insinua

Entre as dobras do mar, do joelho

Visitante em terra escura

Irradiarás o que brotou

Em dias de vigília

Foice da poesia segava

O que houvesse luz

Passagem ao grande rio

Estivemos sós todo o caminho

Jogando migalhas de pão

Pelas águas

A Morte e a Donzela

Siga a marcha do rio

Não olhes para trás

Nuvens, ventos, tristezas

Não te deterão

A paisagem espera

Quem desbrave seus olhos de fera

A pedra em que tropeçastes

O vazio do erro

A luz fugaz do amanhã

Passado

Siga as estrelas, o Cruzeiro, o caçador

Suas falas, seus uivos

Não temas que a morte te queira

É o brilho de teus olhos, donzela

Que chama tempestades

Avalanches, tremores, convulsões

Tua beleza sacode o mundo

Fogo te busca na ânsia do sagrado

Tornados, monções

Querem tocar tua pele

O rio te escuta

Abre os baços para te proteger

Saltes o rio, donzela

Verão fortaleceu-te as asas

Não temas, ó donzela

A brisa que te deposita

Na incerteza

V

O sol esse rosto que não ri

Sempre renasce

Esquecendo-se

Para existir

Limiar

Teus olhos estavam abertos

Enquanto os deuses dormiam

Numa gruta perdida na América

Antes do tempespaço

Tua luz acordava estrelas

Quem ousaria te olhar de frente

Sem temer o fogo

Sem passado futuro tua fala

Estava

Antes do começo

Depois do fim

Vida

Ruínas

Entre urnas marajoaras, itaquatiaras

Megálitos no Trópico de Câncer

Tropeçamos

No instante abandonado

Ruínas são nosso sangue

Esse país sem nome próprio

Esse país sem asas

Essas pedras de falas incompletas

Esse sol mentiroso, devastador

Só fantasmas garantem nossa realidade

Esse país sem sede

Onde vermes sugam gigantes

Esse lugar Brasil

VI

O sol não esconde sua sombra

Os Pardais

De fogo em fogo

Pardais

Alimentam o mundo

De salto em salto

Amor

Na garganta dos pássaros

Felicidade

Que lugar é a felicidade

Ermo, terrível

Ardente, frio

Com rochedos, na beira do mar

Cidade flutuante

Bordel chinês em rua de Veneza

Cratera na Lua, casa no Sol

Paisagem suíça, cassino

Lembrança, esquecimento

A felicidade é um lugar?

VII

Não durmo com a razão

Ela é traiçoeira

De punhal na mão

Pode me matar

Arrancar meu coração

Cortar-me os sonhos

Besta paranoica

Buscará meus tendões

Besta triunfante

Buscará aplausos

Se o dia achar que o sol é seu

Deus Camelo

Negra cabeça de camelo

Te conjuro

Estais preso numa vitrine de escuridão

Palavras te aprisionam

Muro, mordaça, corrente nos pés

Te soterram

Onde a luz ausente é dor

Possa o futuro te restituir à luz

Se ainda houver em teu coração

A face que brilhava em espelho

Deus com cabeça de camelo

Pássaro da Madrugada

Pássaro brilhante da madrugada

Onde quer que vá

Rasgas o céu

Em hemisférios de luz que anunciam tua estrada

Em tuas asas estrelas se reúnem

Congresso celeste onde o tempo

Curva sua dor

Hamsa sagrado cuja dança espalha

Amor em gotas de luz

Derramai sobre nossas cabeças

O orvalho de dias vindouros

Pássaro divino que trazes

Suave presença do amor

Dai-nos tua benção o fogo

De amores infindáveis

Pássaro celeste da madrugada

Sonhar contigo é acordar

VIII

Rios não retornam

Só o mar possui memória

De todos os rios

Todos os corpos

Todas as línguas

Mar sabe de si

Quando agita sua cauda

Resolve

Passado e porvir

Sedimenta o impossível

Na praia, os dedos de areia do futuro

Diques na Foz

Outrora ergueram pedras, altares, gordura

Para reterem os rios longe do mar

Pensando assim deter o tempo

Amazonas desceram com ímpeto

Revirando detritos, destruindo retiros

Alargando espaços para a morte

Siamesa de algum lugar

Chamado vida

IX

Seja água areia

O tempo

Não se perdoa passar

Satori do Coração Tranquilo

Madrugada

Vento leste anuncia auroras

No coração

Pedra Pão

O que penso pedra tenho em mim

Caatinga, rocha, estio

Flores selvagens e um ar de navalha

Correntes marítimas arrastando sargaços

Estrelas de nêutrons, bem-te-vis, espaços

Onde o canto de sereias estende-se

De uma a outra estrela

O que seja deserto trago em mim

Não a morte

Sim o silêncio

Do frio da noite, quietude dos astros dançando num só pé

Corrente de som no deslizar da areia

Esse nome que nos resta

Ar deslocando grãos

Palavra por fazer

O que trago pedra como pão

O Fim da Tragédia

Às gerações de palha

Só a pantomina resta

Esgares noturnos contra muros brancos

Pequenos desertos em muitas palavras

Heróis estão em silêncio

Quem sabe da esfinge não anuncia

Se matares um leão com asas, rosto de mulher

Tendes certeza de que ninguém viu

Homens de palha preenchem o vazio

Com o fogo que se alastra pela página

No espelho enxergam

O outro que não é

Mímica de títeres, gritos de espantalho

A tragédia ficou em algum lugar

Que não se vê

Sobre uma Foto de Marilyn Monroe

Tua nudez possui ar ancestral

Dama de Elche segurando uma flor

Sei que é tarde para te dizer

Não és de palha

És sonho de beleza

Entre escombros de homens, tristeza

Sol peculiar que poucos enxergam

Lua que vaga entre fantasmas

A que foge da morte procurando abismos

Aquela que os deuses amam

Tua nudez é tua mudez

Pequeno Tratado de Evisceração

Nem todos se prestam à evisceração

Outros a buscam constantemente

Resta saber

Se as entranhas expostas são verdadeiras

Resta saber se ainda há

Algo por dentro

Maior que palha, estopa, arsênico

Pensar que o mar

Maior de todos

Guarda-se a não mais poder

Entre Escombros

Quando nos perdemos entre escombros

É preciso parar o tempo

Saber o que somos, o que queremos

A quem se destinam rochedos, restos de navios

Fechar os olhos para enxergar por dentro

Antes que a luz

Tão violenta

Nos empurre ao abismo

Através do Espelho

Quando atravesso o espelho

Já não sei o que sou

Gato, espírito, chama

Lança, palavra, dança

Do outro lado aqui

Tudo vige

Sombra sol arco-íris de metal

Nervura de pétala no olho do trovão

Quando atravesso o espelho

Deixo a primavera

Me levar pela mão

Domingo

Num dia de domingo

Puma atravessando a estrada

Sinto-me arconte de uma terra devastada

Nada sobra nada resta

De outros éons só lembranças

Na dobra gravitacional

Onde estamos que não vemos

A sombra do sol

Quem somos que não cremos

No vazio redentor

Disfarço-me, desfaço-me

Da pele que não habito

Puma atravessando a estrada

Daemon da madrugada

Sou

X

Matar presidentes

Estripar banqueiros

Assassinar juízes

São crimes ou atos de heroísmo

A lei preserva os vampiros

Ao sangue das vítimas só resta

A revolta

Irmã

Há estrelas que se escondem

Ocultam o próprio brilho

A não mais poder

Atraem planetas e corpos estranhos

Ao seu redor

Tão longe sinto tua força, tua presença

Estrelas que somos

No avesso de nós

Amor

Até a Morte

Trabalharás até a morte

Diz o primeiro e o último mandamento

Dos vampiros

Tua vida nada vale a não ser pelo trabalho

Assim fala a bíblia dos vampiros

Nas Leis dos Alógenos, capítulo II, versículo 3

Não pense, não sinta

Teu sangue é óleo de engrenagem

Trabalharás até a morte

Festejam os vampiros

A Virgem

Que tempo se anuncia

Na espiga que portas

Incendiarás poesia

No rosto do metal

Que torre se alumia

Quando teus olhos se abrem

É possível tempo morto

Dar luz ao tempo

Há pão na copa de cristal

Grãos honestos, bons frutos

De teus rosados seios mana água

Para nossa sede

Em dias obscuros

XI

Ao poema segue a espada

Que o deus dos mortos segura

Sobre a terra

Infante maltratada, pernas laceradas por silício

Útero rasgado por tratores e diamantes

De sua caverna ergue trovões

Para combater morte limpeza eficiência

Sobre nossas cabeças pousa o ódio

Com garras se assenta

Em nossa vontade

Esparge sangue, cobra

Tributos ao vazio

É preciso amar a terra

Com paixão dionisíaca

Para afastar os mortos que bebem seu sangue

Monstros que violam o céu

É preciso destruir o dinheiro

Antes que ele destrua

O mundo

XII

Passada a tempestade

Trovão se desfaz

Névoa é

Avesso do grito

Ode ao Quixote

Por amor às quimeras buscaste sombras

A saber se o mar se escondia

Nas asas dos leões

Qualquer rugido forte te agitava o peito

Amor, trovões, respiros de bebê

Quando abraçavas o mundo ele crescia

Na espiral que move

Moinhos e constelações

Tão longe carregaste

O fardo de amar, acreditar

Teus olhos-flores miravam brasas

Tuas asas vulcões, melancolia

Atrás de ti anjos e fantasmas se arrastavam

Reis e palhaços

Quando o deserto te convidou à morte

Não disseste sim ou não

Que te importam desertos

Se os ventos arrastam gigantes nas estradas

E tuas asas

Ainda úmidas

Não te deixam voar

A Enchente

A água separou areia e barro

Polvos passeavam pelos parques entre rodas gigantes e jets skis

Frutas transparentes eclodiam estrelas

Anjos nus escutavam declarações de amor de mulheres grávidas

Fugindo do barro era possível encontrar

O amor inesperado

Na manhã que se ocultava

Natureza ama disfarçar-se

Água transformava rua em mar

A Concha

De tanto se guardar

O amor se encerra

Entre paredes transparentes

Nuvens de devas a esperar do mar

O revolver de estrelas

Qualquer uma que caia

Entre seus braços

Vira pérola

XIII

Nuvens são filhas de pipas

Diógenes

Medusas de prata rasgam o céu da madrugada

Deslizando em ondas gravitacionais

Na epiderme azul de um planeta abandonado

Diógenes rumina o homem

Noite e dia

Século a século

Do tempo ao espaço

Até encontrar abismos

Alto

Baixo

Onde

Nem homem há

Pois ainda não foi inventado

Névoa

Deixe vir a névoa

Quanto mais densa melhor

Rabiscarei teu nome no vapor

Quando o sol chegar

Orvalho deixará

Teu nome em flor

Refugiados

O mundo não é lugar a todos

Há lugar aos vermes

Há lugar aos porcos

Parasitas, banqueiros, jornalistas

Espermatozoides congelados, clones.

Há lugar a saqueadores de continentes

Comandantes de massacres

Especuladores que arruínam países

Donos de religiões, meretrizes

De trânsito internacional

Fabricantes de drogas, doleiros

Assassinos de florestas, construtores de desertos

Só não há lugar

Ao humano

Os Elementos

Fogo, por si

Água, diálogo

Espaço, mãe

Pai, abraço

Poecumênico

Era o dia um quando Ehecatl soprou

O barro molhado

Para que surgisse a terra firme

Geb viril pronto a fecundar

Mãe espaço de pernas abertas

A um canto outro deus

Cego de um olho

Do último barro moldou

Pequena criatura e disse sou teu deus, único

Hamadríades dançavam na terra frutificada

Cosmocratores passeavam no paraíso

Com a lua entre os cornos

Ísis trazia

Suave luz

Omama criava florestas

Do fundo dos rios Goihaneis traziam

Cantos de chuva e de sol

Resplandecente

Iemanjáfrodite

Andava sobre as águas

Todos sorriam ao resplendor

Menos o deus de um olho só

Que dizia ao barro mudo

Sou teu deus e só a mim

Dobrarás teus joelhos

Harmonia

Janela do caos

Fortes e fracos se abraçam

Instantes de luz

Rodopidervixes

De grão em grão

Sol

Comunicado

Lamentamos informar

O planeta Terra não está

Tente outro dia

Quem sabe outro milênio

Mahavamtara

Quiçá quando a sanidade retornar

A esse lugar

Agora só restam escombros

E um gosto amargo de locomotiva

Correndo ao abismo

Pentagramas

Rápida a vida cessa

Suas odes, fantasias

Corre, abraça o dia

Amanhã é névoa

Sem a poesia

De encontro à morte

Não temas

Pior foram os dias de vazio

Talvez a plenitude chegue

Quando fechares os olhos

Sorves o amor com paciência

Aproveitas até a última gota

O sol que em teus braços se desenha

Não há vazio

Quando a vida vale à pena

O preço a se viver, pague-o

Não pechinches nem barganhes a vida

Não sejas usurário de si mesmo

Viva com a dignidade de um pássaro

Não com a miséria de um banqueiro

Pássaros, estrelas, deuses

Te aguardam na alta madrugada

Recolhe-te para dentro de ti

Verás que em teu mar há

Deuses, estrelas, pássaros

Em Gobekli Tepi

Deuses de mãos de pedra

Paralisaram o tempo

Para celebrar a vida e seus mistérios

Animais em cirandas de granito

A sibila pergunta

Como acordar de um tempo que não cessa

Pesadelo de metal, fuligem

Na siringe, nos versos

Quando a cauda comer a serpente acordarás

Pássaro que migras

Guardai a paisagem

De onde passar

Antes do destino

Te importa o caminhar

Tempo de catástrofe é

Tempo de desastres

Alegria está

No pretérito da poesia, no futuro do verso

Verdade é enjambement mal feito

Índios

Era uma vez agora

Paraíso no meio da floresta

Ameaçados por dragões de metal, poções de mercúrio

Quem numa cruzada ajudará

A vida inteligente que nos resta

O Décimo Primeiro

Durante 16 anos

Segurei a boca do leão

Com mãos de operário

Agora é hora

De enforcar o leão com cordel

Quando Urano entrar em Virgem

Do sangue nascerão flores

Dos sussurros e gritos, melodias

Do abraço do trigo e do céu

Nascerão estrelas em tropel

Harmonia está

Em juntar som e silêncio

Silêncio e fantasia

Fantasmas e vivos

Sem temer o fogo

Édipo Caipora

Os pés inchados, voltados para trás

Quando caminha quer

Esquecer o passado imitando-o

Até chegar à Atenas

Parecerá que à Tebas está voltando

Jaz no meio do papel

Flor vermelha da esperança

Realista tal uma criança

Desabrochará um dia

No túmulo da economia

Meditações de Sancho Pança

Já bebi todos os tragos

Já cheirei todas as flores

Comi patas negras, jamons

Vinho de Málaga, cerveja

Quanto mais a boca mastiga

O tédio cresce

Haja ou não gigantes

Siga ou não cavaleiros andantes

No peito dos medíocres

Também bate

O coração da melancolia

Só não me acostumei com as máquinas

XIV

Agora que chegamos ao fim inesperado do papel

É hora de pensar nas montanhas ameaçadas por dinamites

No leito marinho contaminado de hidrogênio radioativo

No branco dos corais vermelhos

Alguns cultivam abismos

Outros, estrelas

Decida que lado você está

Poetas são lugares que andam sozinhos

Quanto mais habitados

Maior a solidão

Não possuem nada a não ser eles mesmos

Trocam de lugar com aves marinhas

Muitas vezes

Difícil é voltar

Para a terra inóspita